

A cartomante perdeu seus poderes: uma análise da reconfiguração do imaginário sob a ótica da midiatização

Ricardo Luís Düren

Universidade de Santa Cruz do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5351-3999>

Resumo

Neste artigo apresentamos um recorte da pesquisa realizada em nossa tese de doutoramento, onde analisamos a reconfiguração de sentidos da ordem do imaginário sob a ótica da midiatização. No que toca ao imaginário, neste recorte específico focamos no imaginário mítico, ou seja, em sentidos da ordem do mágico e do sobrenatural que, no que têm de imaginário, transbordam para além da concretude do mundo empírico. A partir dos apontamentos da epistemologia da midiatização, entendemos que mesmo esses sentidos ficam à mercê de reconfigurações quando materializados em dispositivos de mídia – no caso sob análise, jornais impressos. Equivale a dizer que, por força de processos que se estabelecem no transcurso do tempo e das mudanças sociais e culturais, e, também, pela interferência de outros agentes enunciativos, o sentido materializado reconfigura-se no ato interpretativo, desviando-se do que foi proposto pelo autor. Aqui, focaremos na reconfiguração do imaginário que pairava sobre uma cartomante, apresentada como testemunha nas investigações sobre o chamado Caso Kliemann, episódio policial verídico amplamente divulgado pela imprensa na década de 1960 no Rio Grande do Sul. Entendemos que a análise das narrativas jornalísticas da época dos fatos, na comparação com uma narrativa jornalística mais recente dos mesmos episódios, possibilita a observação de sentidos que, materializados nos jornais dos anos 1960, passaram por reconfigurações durante esse transcurso do tempo.

Palavras-chave

imaginário; midiatização; sentido; reconfiguração; jornalismo

1 Introdução

Em meados da segunda semana de julho de 1962, uma estranha carta anônima chegou à polícia em Porto Alegre (RS), prometendo revelações sobre um crime que desafiava os investigadores, angariava manchetes nos jornais e detinha a atenção da população gaúcha: o misterioso assassinato de Margit Kliemann, esposa de um político proeminente, encontrada morta em sua própria casa em 20 de junho daquele ano. A primeira carta foi seguida de outra e não tardou até que os policiais descobrissem quem era a autora e a chamassem a depor. Tratava-se de uma mulher chamada Alda Marina Lopes, dona de um bazar de artigos esotéricos e mais conhecida – segundo os jornais da época – como Madame Ninon, médium e cartomante.

Conforme oito matérias publicadas entre nove de julho e 14 de agosto de 1962 no jornal *Diário de Notícias*¹, dentre as 45 analisadas por ocasião de pesquisa que realizamos para nossa tese de doutoramento², Madame Ninon afirmava que Margit costumava visitá-la para consultas de astrologia e a teria procurado na véspera do homicídio em busca de aconselhamento, pois pressentia que seria morta. O aparecimento da médium em uma história policial verídica, que já vinha ganhando espaço nos jornais por conta de seus contornos de mistério e do status social da vítima, adicionou um novo ingrediente ao caso: o sobrenatural, que aqui entendemos como um sentido da ordem do imaginário.

Estudado por uma linha de pesquisa que tem em Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Michel Maffesoli alguns de seus expoentes, o imaginário é entendido como uma forma de sentido bastante peculiar, a qual, nos apontamentos de Silva (2017), é classificada como um excedente de significação – um sentido extra que o ser humano, por conta das operações de seu sistema cognitivo, atribui aos eventos que transcorrem na concretude do mundo, originalmente destituídos de sentidos. Aprofundaremos essa perspectiva a seguir.

Debruçamo-nos sobre a questão do imaginário por ocasião de nossa tese de doutorado, na qual buscamos observar de que forma essa classe de sentidos específica fica à mercê de reconfigurações quando materializada em dispositivos de mídia, estes entendidos como suportes capazes de preservar o sentido, tais como gravações em áudio e vídeo ou textos escritos, sejam impressos ou digitais. Logo, o que propomos em nossa pesquisa foi uma imbricação entre linhas de estudo que raramente dialogam: as teorias do imaginário e a epistemologia da midiatização, a qual se debruça sobre os fenômenos que incidem sobre o sentido midiatizado.

¹ Jornal fundado em 1925, em Porto Alegre, e extinto em 1979 (De Grandi, 2005).

² Tese intitulada *O Caso Kliemann e a midiatização do imaginário*, ver Düren (2021).

O corpus de pesquisa que adotamos em nossa análise foram as narrativas jornalísticas acerca do chamado Caso Kliemann, episódio policial que inicia com o homicídio de Margit e culmina em um segundo crime, o assassinato do deputado estadual Euclides Kliemann, marido de Margit, baleado por um antagonista político em 30 de agosto de 1963 em um estúdio de rádio, com a emissora ao vivo. Na ocasião, Euclides falara aos ouvintes da Rádio Santa Cruz, em Santa Cruz do Sul (RS), sua cidade natal, elencando críticas aos adversários. Depois que ele concluiu seu discurso, o microfone foi ocupado pelo vereador Floriano Peixoto Karan Menezes, conhecido pelo apelido de Marechal, que devolveu as críticas a Euclides e recordou aos ouvintes que o deputado era, para a polícia, o principal suspeito do assassinato da esposa, fato amplamente divulgado pela imprensa na época.

Inconformado com a declaração, Euclides, que permanecera nas dependências da rádio, invadiu de sobre o estúdio e chegou a protestar – “Essa não!” –, mas nada mais disse: foi atingido no coração por um tiro de revólver disparado por Marechal. O áudio com as últimas palavras do deputado, seguidas pelo estampido do disparo e pelo som de um corpo que tomba no chão do estúdio, permanece preservado até os dias de hoje – tornando-se exemplo de um sentido materializado por dispositivo de mídia. No ano seguinte ao assassinato de Euclides, este viria a ser inocentado da morte da esposa, ao passo que Marechal seria condenado pelo homicídio no estúdio de rádio. O verdadeiro autor da morte de Margit, contudo, nunca seria descoberto.

Os meandros dessa história foram preservados até os dias de hoje por conta da materialização, em dispositivos midiáticos, de narrativas acerca desses fatos, na forma de notícias impressas. Entendemos que essas notícias podem ser entendidas como narrativas considerando que, conforme aponta Ricoeur (1994), a narrativa consiste no relato de uma sucessão de eventos (uma história ou intriga) que ocorre dentro de determinado período cronológico. Em consonância com Sodré (2009), entendemos que o conceito também se aplica ao jornalismo, prática em que um agente (o jornalista) relata uma sucessão de acontecimentos conforme índices de coerência espacial ou temporal – o que não significa que o relato tenha de ser, necessariamente, linear.

Neste viés, cumpre citar também os apontamentos de Motta (2004), para quem as notícias, mesmo quando publicadas de forma fragmentada em diferentes edi es de jornais, compõem uma narrativa quando observadas em conjunto, momento em que d o forma ao relato integral de determinado evento. Observamos o fenômeno citado por Motta (2004) em nossa pesquisa, onde conjuntos de notícias publicadas em diferentes edi es de diferentes

jornais proporcionaram o relato integral de uma história, aqui chamada de o Caso Kliemann. Uma vez que entendemos essas notícias específicas como narrativas, as inserimos na seara de uma classe discursiva que, a exemplo da literatura e dos mitos, tem grande atenção no estudo do imaginário por conta de suas potencialidades em termos de transmitir sentidos da ordem do imaginário, que emergem a partir da história narrada.

Adotamos as narrativas jornalísticas do Caso Kliemann como corpus em nossa pesquisa por entender que os meandros do episódio – particularmente, os enigmas em torno da morte de Margit (um crime jamais esclarecido), a brutalidade com que ela foi assassinada (golpeada repetidas vezes com um instrumento contundente) e o status social dos personagens (integrantes do meio político e das altas esferas sociais) – são elementos que dão margem a sentidos excedentes, da ordem do imaginário, tais como mistério, deslumbramento, comoção, choque e revolta. Em uma análise que se debruçou sobre 45 edições de jornais da época, percebemos a emergência de sentidos como esses a partir das narrativas dos jornalistas e buscamos verificar se esse imaginário, no que tem de sentido materializado em dispositivos midiáticos – no caso, os jornais – passou por reconfigurações no transcurso do tempo que nos separa das tragédias do Caso Kliemann.

A perspectiva de que sentidos antes etéreos – caso do pensamento e dos sentimentos – ficam à mercê de reconfigurações quando materializados em dispositivos de mídia parte dos apontamentos de Eliseo Verón, uma das principais referências da epistemologia da midiaticização. Verón (1980, 2005, 2013) observa que o enunciado, uma vez materializado, sobrevive ao seu próprio autor e às revoluções culturais, sociais e geográficas que transcorrem com o passar do tempo, permanecendo disponível à interpretação de indivíduos situados em contextos históricos, territoriais e sociais diversos em relação ao contexto do autor. A consequência disso seria a reconfiguração do sentido, que adota novos contornos, não previstos pelo autor ou mesmo opostos ao que este havia proposto. O fenômeno, observa Verón (1980, 2005, 2013), transcorre das diferenças que se estabelecem entre as gramáticas de produção do sentido e as gramáticas de reconhecimento (interpretação), questão que retomaremos a seguir.

Uma vez aceitando a perspectiva veroniana, intrigou-nos como o fenômeno se processaria em relação ao imaginário, quando esta forma de sentido tão peculiar é materializada. Um primeiro desafio que se impôs em nossa pesquisa foi: como identificar o imaginário, considerando toda a carga de subjetividade que o compõe? Para tanto, partimos de uma revisão bibliográfica que abarcou cronologicamente o desenvolvimento da teoria do

imaginário – visitando as epistemologias que lhe servem de insumo, como antropologia, mitologia, psicologia e psicanálise – para desenvolver uma metodologia que possibilitasse identificar, nas narrativas jornalísticas analisadas, construções textuais capazes de gerar sentidos da ordem do imaginário. Com base nessa metodologia, identificamos dezenas de enunciados potencialmente geradores de imaginários nas edições de jornais da época analisadas.

Contudo, ainda se impunha um segundo desafio: como constatar as reconfigurações pelas quais teria passado, no transcurso do tempo, o imaginário gerado pelas narrativas jornalísticas da época? A solução encontrada foi comparar esse primeiro imaginário – que chamamos de imaginário original – com uma obra jornalística mais recente sobre o Caso Kliemann, construída, ao menos em parte, a partir de releituras dos jornais da época. Nossa opção recaiu sobre o livro-reportagem *Caso Kliemann – A história de uma tragédia*, do jornalista Celito de Grandi, lançado em 2010, o qual consideramos como um bioindicador das reconfigurações do imaginário no transcurso do tempo.

Para viabilizar a análise, separamos determinados recortes, dentre os meandros do Caso Kliemann, para verificar, na comparação entre as narrativas dos jornais da época e a releitura de De Grandi (2010), possíveis reconfigurações do imaginário. Um desses recortes foi o aparecimento de Madame Ninon no caso, um ingrediente que adicionou uma aura sobrenatural nas notícias sobre as investigações do crime. É sobre esse recorte específico que nos debruçaremos neste artigo. Mas, antes de assinalarmos nossas constatações, convém apresentarmos uma breve conceituação do imaginário e de suas peculiaridades que nos permitiram elaborar uma metodologia de identificação do imaginário em narrativas jornalísticas; bem como, uma breve contextualização acerca da reconfiguração do sentido na perspectiva da epistemologia da midiaticização.

2 As raízes do imaginário

Em nossa pesquisa aderimos à perspectiva de Silva (2017), que considera o imaginário um excedente de sentidos que o ser humano atribui a eventos que ocorrem na concretude do mundo, inicialmente destituídos de sentidos. Equivale a dizer que fatos concretos – desde uma queda de bicicleta a um desastre aéreo – simplesmente acontecem, por si só, destituídos de sentidos. Contudo, por força dos processos cognitivos inerentes ao *homo sapiens*, decorrentes de uma processualidade psíquica que envolve tanto o aspecto racional quanto o inconsciente e o emotivo, atribuímos a tais eventos determinados sentidos – deslumbramento, comoção,

revolta, admiração... – que transbordam para além dos fatos concretos. Em outras palavras, na hipótese desenvolvida por Silva (2017) o imaginário consiste em uma carga de subjetividade, geradora de novas significações, acionada por mecanismos cognitivos a partir do contato do indivíduo com eventos crus de sentidos, que ocorrem no mundo empírico.

É a partir desse processo cognitivo, defende o autor, que mesmo uma situação trivial se torna, no âmbito da subjetividade humana, interessante, deslumbrante, repleta de sentimentos. O imaginário é, portanto, “[...] a transfiguração da banalidade em extraordinário, a metamorfose do trivial em maravilhoso, a conversão inesperada, o salto” (Silva, 2017, p. 21), ou, em outros termos, “[...] o imaginário é aquilo que sobra, um excedente de significação daquilo que se viveu por um processo de seleção cognitiva e emocional do aparelho psíquico” (Silva, 2017, p. 168).

Cumprir citar que os apontamentos de Silva (2017) decorrem de uma linha de pesquisa diretamente imbricada a Gilbert Durand, expoente dos estudos do imaginário e a partir do qual emergiram diferentes ramificações interessadas em compreender essa classe tão peculiar de sentidos. Dentre ex-alunos de Durand que se destacam na área estão os filósofos Michel Maffesoli (que foi orientador de Silva), e, em outra ponta, Jean-Jacques Wunenburger, cuja visada também encontra ecos no Brasil, particularmente no Grupo de Estudos Sobre Comunicação e Imaginário (Imaginalis) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O Imaginalis, liderado por Ana Taís Martins Portanova Barros, ex-orientanda de Wunenburger, reflete a aversão durandiana a esquemas estruturalistas e busca compreender o imaginário sentindo o que dele emerge emocionalmente, ou seja, o que afeta não só nosso lado consciente, mas também “[...] os neurônios que vivem no coração e nos intestinos, e na pele, e em todo o resto dos lugares em que eles se escondem” (Barros; Contrera, 2018, p. 31). Em comum, essas ramificações herdam insumos de um esforço de pesquisa sistematizado por Durand e que, segundo este autor, se debruça sobre uma série de correntes interessadas nos aspectos cognitivos do subconsciente, partindo da antropologia e da mitologia até linhas de estudo dos processos biológicos que se estabelecem no cérebro humano, como a psiquiatria, para tentar compreender a emergência do imaginário (Durand, 1993, 1998).

Nessa busca, o estudo do imaginário também se volta aos apontamentos do psicanalista Carl Jung decorrentes de seu esforço em interpretar sonhos de seus pacientes e que culminou no conceito de arquétipo – um termo muito caro às teorias do imaginário e que nos ajuda a compreender a processualidade psíquica desta forma de sentido. Jung (2008) define o arquétipo como a tendência biológica, inerente ao cérebro dos seres humanos, de elaborar

mentalmente as mesmas imagens simbólicas. Por imagens simbólicas o autor entende as imagens conotativas, que ultrapassam seu significado evidente e remetem a outros sentidos – como uma espécie de metáfora elaborada pelo inconsciente.

Durand (1993) ajuda a compreender esse conceito a partir da distinção – adotada pelas teorias do imaginário – que faz entre símbolo e signo. O autor explica que o signo consiste em uma referência direta e arbitrária a um objeto palpável que não está fisicamente presente, podendo ser uma palavra, uma sigla ou mesmo uma placa de alerta (uma placa com uma chama, por exemplo, remete a produtos inflamáveis). Já o símbolo diz respeito ao invisível, ao abstrato, a um sentido não concreto. Tratam-se de imagens (pinturas, esculturas, iconografias) ou determinadas construções textuais (como a poesia) que fazem representar indiretamente sentidos e sentimentos – uma visão moral, uma crença, o sentido da vida, o amor ou o medo da morte. Sob essa ótica, o símbolo não tem caráter arbitrário e sua representação não pode, necessariamente, ser plenamente confirmada. Aqui, a imagem da chama pode representar, por exemplo, o fogo da paixão. No âmbito das teorias do imaginário, os conceitos de símbolo e de imagens simbólicas podem ser entendidos como equivalentes.

A seu turno, Jung (2008), ao analisar os sonhos de seus pacientes, intrigou-se com a tendência humana em elaborar as mesmas imagens simbólicas, ou símbolos. O psicanalista observou que diferentes pacientes descreviam sonhos semelhantes entre si e nos quais apareciam criaturas sobrenaturais presentes na mitologia de outros povos, com os quais tais indivíduos jamais tiveram contato e cujas culturas lhes eram desconhecidas.

Tal constatação nutriu em Jung (2008) uma dúvida muito semelhante à que desafiou o antropólogo Claude Lévi-Strauss, o qual, assim como o psicanalista, intrigava-se ao observar que os mitos se reproduziam com as mesmas características em diferentes regiões do mundo e se perguntava: “[...] se o mito é inteiramente contingente, como explicar que, de um extremo a outro da terra, os mitos se pareçam tanto?” (Lévi-Strauss, 2008, p. 223). Enquanto o antropólogo buscou respostas analisando relações de sentido entre diferentes narrativas míticas, observando assim a existência dos mesmos sentidos universais entre elas, Jung (2008) procurou explicações na biologia. Concluiu que o cérebro, assim como demais órgãos do corpo humano (como o coração ou os intestinos), é biologicamente programado para realizar as mesmas operações em todos os indivíduos – inclusive no que toca à geração de imagens simbólicas.

O autor, contudo, faz uma ressalva: a mitologia – e com ela as imagens simbólicas – não é fruto apenas do inconsciente, mas também de elaborações conscientes dos indivíduos. Trata-

se de uma constatação que coincide com os apontamentos do mitologista Joseph Campbell (2000), o qual atenta para o aspecto racional da criação dos mitos. Contudo, ainda que ressalte que os sonhos sofrem interferências das particularidades dos indivíduos, e que a mitologia é fruto também de séculos de elaboração racional, o autor admite que tanto dos sonhos quanto da mitologia emerge um simbolismo cuja origem está “[...] nos poços inconscientes da fantasia” (Campbell, 2000, p. 254), ou seja, haveria nestas formas simbólicas raízes em comum, inerentes a todos os seres humanos.

Nesse viés, a noção do mito como arquétipo (Jung, 2008) e/ou de símbolo que emerge dos poços inconscientes da fantasia (Campbell, 2000) dialoga com a ideia apresentada por Gaston Bachelard (1996), estudioso do onírico, acerca da existência do que chama de “centro de imagens”, resguardado no inconsciente de todos os seres humanos, a partir do qual os indivíduos elaboram imagens simbólicas. O autor afirma que: “[...] há seguramente em nós uma imagem, um centro de imagens que atrai as imagens felizes e repele as experiências do infortúnio”. No seu princípio, todavia, essa imagem não é inteiramente nossa; tem raízes mais profundas que as nossas simples lembranças (Bachelard 1996, p. 118-119).

A emergência destas imagens, com bem observa Durand (1998), decorre de confluências entre consciente e inconsciente, de racional e irracional, a partir das quais surgem imagens simbólicas que, embora enraizadas no subconsciente, são moldadas e adaptadas conscientemente pelos indivíduos conforme seu contexto social e histórico. Tais imagens simbólicas são, também, o imaginário, um sentido que, conforme observa Silva (2017), extravasa para além da concretude do mundo empírico.

Uma vez tendo compreendido essa processualidade do imaginário, e no que ele consistiria, a questão que nos intrigou é o que ocorre a essa classe tão particular de sentidos quando deixa de ser etérea ao ser materializada em dispositivos de mídia, particularmente, na forma de narrativas. Para compreender esse fenômeno, convém assinalar de que forma o sentido midiático fica à mercê de reconfigurações, movimento que faremos a seguir, a partir das perspectivas da epistemologia da midiaticização.

3 A reconfiguração do sentido materializado

Verón (1980, 2005, 2013) propõe que a reconfiguração do sentido passa por fenômenos que ocorrem entre dois polos, que chamou de polo da produção (onde o sentido é materializado) e polo do reconhecimento (onde ocorre a interpretação do sentido materializado pelos indivíduos que têm acesso a ele). O autor observa que, nestes dois

momentos, entram em ação diferentes condições e gramáticas: em uma ponta, as condições de produção (CP) e gramáticas de produção (GP) e, na outra, as condições de reconhecimento (CR) e gramáticas de reconhecimento (GR).

As CP são as condições extradiscursivas – sociais, econômicas e tecnológicas – que possibilitam a materialização do discurso. Assim, o acesso a tecnologias de impressão, gravação ou de disponibilização de textos online consiste em CP. Já as GP dizem respeito às regras, crenças, valores morais e ideologias que regem a produção do discurso, não só no âmbito do campo linguístico, mas também do social. A mesma ideia se aplica ao polo do reconhecimento, onde as CR são as condições econômicas e tecnológicas disponíveis para acessar o sentido, ao passo que as GR são as regras sociais que terão influência sobre a interpretação.

Conforme Verón (2013), uma vez que o sentido é materializado (conforme CP e GP específicas), fica à mercê do que o autor chama de fenômeno midiático, o qual concede ao sentido duas potencialidades: autonomia e persistência. A autonomia consiste na independência do sentido em relação a seu autor, uma vez que este já não se encontra presente no polo do reconhecimento e, portanto, não tem a possibilidade de interferir na interpretação (como poderia ocorrer em um diálogo oral). Já a persistência é a possibilidade de permanência do sentido materializado ao longo do tempo, sobrevivendo, inclusive, a seu próprio autor.

Neste ponto já podemos observar um primeiro elemento gerador de reconfigurações do sentido materializado: as variações entre GP e GR que transcorrem no curso da história e nas variações entre ambientes geográficos – ou seja, as mudanças culturais, ideológicas e sociais que se estabelecem nas variações de tempo e de espaço, e que podem distanciar a interpretação, no polo do reconhecimento, do sentido previsto pelo autor no polo da produção. Por conta da pluralidade de valores sociais existentes em diferentes períodos históricos e ambientes geográficos, Verón (1980, 2005, 2013) afirma que o sentido materializado fica à mercê de múltiplas GR.

Embora o esquema sugerido por Verón (1980, 2005, 2013) possa transmitir a impressão de linearidade no trajeto entre os dois polos, a epistemologia da midiatização considera que esse percurso não é linear, mas radial, formado por uma teia de fluxos de sentidos que se conectam ao sentido original. Os pesquisadores da área chamam de circulação o espaço compreendido entre o estabelecimento do fenômeno midiático e o polo do reconhecimento, e no qual novos discursos se conectam, oriundos de todas as direções.

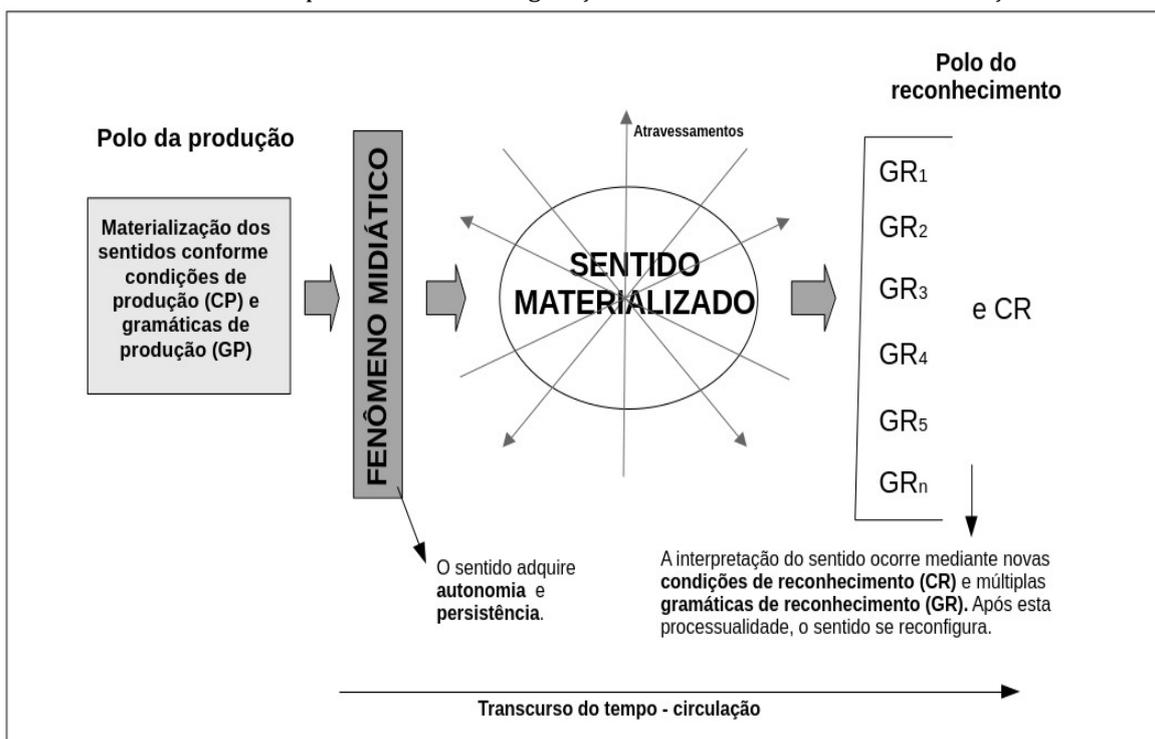
Um exemplo disso é o que Soster *et al.* (2018) chama de atravessamentos – discursos não autorizados gerados por indivíduos outros, que incidem sobre os sentidos previstos pelos

enunciadores primeiros. Equivale a dizer que o sentido proposto no polo da produção é “bombardeado”, durante a circulação, por discursos elaborados por outros atores – sem o consentimento do autor original –, cujas interpretações também geram influência sobre aquelas que emergem no polo do reconhecimento, reconfigurando o sentido original. O fenômeno ocorre, por exemplo, quando um determinado texto, disponibilizado em alguma plataforma de mídia online, é alvo de comentários, depreciativos ou não, formulados por outros atores por meio das redes sociais, dentre outros mecanismos.

Cumprido destacar que a multiplicação desses fluxos de sentidos desautorizados é inerente ao advento de um novo momento histórico, que autores como Fausto Neto (2018) chamam de sociedade em vias de midiatização, entendida como um bios social que se organiza a partir de uma pluralidade de discursos – feixes de sentido, ou *feedbacks* – oriundos de inúmeros atores por mérito do advento de novas tecnologias de mídia. Neste cenário, ganha relevância o desenvolvimento e a popularização da internet, que possibilitou a emergência de uma multiplicidade de autores e desbancou a hegemonia discursiva dos meios de comunicação tradicionais (caso dos jornais, emissoras de rádio e televisão, por exemplo).

O gráfico a seguir resume os fenômenos até aqui citados: as variações entre GP e GR/CP e CR, bem como, a incidência de fluxos de sentidos desautorizados (atravessamentos).

Gráfico 1 - O processo de reconfiguração do sentido conforme a midiatização



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Verón (1980, 2005, 2013) e Soster *et al.* (2018).

Contudo, em nossa pesquisa observamos que a internet não é fator preponderante para a ocorrência de atravessamentos. Em uma análise que se debruçou sobre eventos ocorridos na década de 1960, caracterizada pela hegemonia discursiva dos jornais impressos, constatamos o aparecimento de fluxos de sentidos que podem ser entendidos como atravessamentos na relação entre esses jornais – onde um oferece novos fluxos de sentidos a discursos originalmente produzidos pelo outro. É um dos pontos que abordaremos a seguir, onde apresentaremos algumas descobertas da fase empírica de nossa pesquisa.

4 O sobrenatural entra para o Caso Kliemann

Para viabilizar nossa pesquisa, desenvolvemos uma metodologia de identificação do imaginário que consiste na busca, em enunciados sob análise, de elementos que remetem a essa classe tão particular de sentidos. Dentre tais elementos estão: (1) Expressões que remetem a um transbordamento de sentidos, considerando-se a conceituação de imaginário sugerida por Silva (2017); (2) Símbolos/arquétipos, a partir dos conceitos de símbolo (Durand, 1993) e de arquétipo (Jung, 2008) acima descritos; (3) Imagens mítico-religiosas, levando-se em conta a relação, também descrita acima, entre mito e imaginário; (4) Enunciados que remetem a motor e cimento social, aqui uma ideia defendida por Maffesoli (1988), para o qual o imaginário socialmente compartilhado impulsiona a sociedade à busca pelo progresso (motor social) e a congrega (cimento social); e, por fim, (5) Enunciados que remetem a mistério, considerando-se que o mistério, conforme argumentamos em nossa pesquisa, é um elemento provocador de imaginários.

Tendo em conta o recorte específico sobre o qual nos debruçamos neste artigo – o aparecimento da cartomante Madame Ninon no Caso Kliemann –, nos deteremos nos elementos dois e três dentre nossos indicadores da presença de imaginários, ou seja, a presença de imagens mítico-religiosas (que são também símbolos/arquétipos) nos enunciados sob análise. Entendemos, a partir de nossa pesquisa, que as referências à cartomante – por vezes, também chamada pelo jornal Diário de Notícias de “médium esotérica” e de “astróloga” –, remetem a uma mitologia acerca de entes e pessoas com poderes sobrenaturais, as quais podem ser consideradas símbolos/arquétipos no âmbito de um imaginário de raiz mítica.

A fim de demonstrar como esse imaginário pode ter se reconfigurado entre as publicações da época do Caso Kliemann e um período mais recente, conforme previsto pela

epistemologia da midiaticização, apresentaremos inicialmente alguns excertos de reportagens do Diário de Notícias³ em que Madame Ninon é apresentada aos leitores:

[...] Alda Marina é “**médium**” **esotérica** e possui grande clientela, que a procura para **consultas de astrologia**. Nesta atividade, a senhora Alda Marina é conhecida como “Madame Ninon” e, segundo seu depoimento, dona Margit Kliemann era uma de suas clientes (“**MÉDIUM**” [...], 1962, p. 5, grifo nosso).

Os trechos que grifamos remetem ao caráter místico da atividade de Madame Ninon. Indicam que, além de cartomante, ela é médium, ou seja, alguém com capacidade de se comunicar com espíritos. Além disso, dá consultas de astrologia, o que podemos relacionar com a crença mítica da influência dos astros sobre o destino das pessoas. Entendemos, portanto, que se tratam de símbolos da ordem do mito e da crença no sobrenatural, itens relacionados ao nosso indicador três (Imagens mítico-religiosas), que se fazem presentes em incontáveis mitologias e religiões por força do arquétipo (indicador dois).

Tais sentidos, que entendemos como da ordem do imaginário e potencialmente geradores de imaginários, reaparecem na edição seguinte do mesmo jornal, o qual evidencia que Madame Ninon, por conta de seus poderes, teria feito “previsões” a Margit Kliemann e que essa costumava consultar os astros para conhecer seu futuro, conforme grifamos:

[...] Um dia antes de ser brutalmente assassinada no interior de seu palacete, à rua Barão de Santo Ângelo, 406, a sra. Margit Kliemann esteve no bazar da **médium esotérica** Alda Marina Lopes, à rua Lima e Silva, 541. O que se passou nessa ocasião, qual a **consulta** feita por dona Margit e quais as **previsões da médium**, só a polícia está a par. Nada foi revelado. Nossa reportagem, em palestra com a sra. Alda Marina Lopes conseguiu apenas confirmar aquilo que foi por nós divulgado: dona Margit era assídua frequentadora do **centro esotérico** e frequentemente **consultava os astros** (Confidência [...], 1962, p. 5, grifo nosso).

Depois, pelo terceiro dia seguido, o jornal Diário de Notícias volta a instigar o imaginário de seus leitores, ao reproduzir declaração onde a própria médium descreve suas atividades místicas:

[...] A seguir, a sra. Alda Marina falou sobre as suas atividades. [...] “Quero esclarecer que não possuo **bola de cristal**. Diante de certos desmentidos que julgo até certo ponto ofensivos a minha pessoa, faço esse esclarecimento. **Sou**

³ Os textos citados a seguir, tanto do Diário de Notícias quanto do Última Hora, foram publicados sem os nomes dos jornalistas autores.

esotérica. No centro que frequento, faço **leitura e interpretação da astrologia** (Confirmada [...], 1962, p. 5, grifo nosso).

Novamente surgem expressões que consideramos potencialmente geradoras de imaginários, ao remeterem ao sobrenatural por meio de imagens mítico-religiosas (bola de cristal, esotérica, leitura e interpretação da astrologia). Esse excerto se torna particularmente interessante no que tem de reação, manifestada pela própria médium, a uma reportagem publicada na véspera pelo jornal Última Hora, concorrente do Diário de Notícias. O texto do Última Hora também faz referência ao sobrenatural, mas de forma irônica, buscando desacreditar Madame Ninon, como podemos ver no excerto a seguir:

[...] Uma semana depois, Madame Ninon perdia o anonimato e entrava na Delegacia de Segurança Pessoal, para explicar a luminosa ideia que havia tido. E imediatamente surgiu um novo capítulo no caso, desta vez com um ingrediente completamente novo: **bola de cristal**. [...] Transformada em Madame Ninon, **conhece o passado, o presente e o futuro**. E foi com essas habilidades que entrou no caso, declarando, sensacionalmente, que conhecia dona Margit. Mais que isso, não só conhecia, como tinha dona Margit entre suas **consulentes**. No entanto, para comprovar suas suspeitas dispunha apenas de seus **“poderes sobrenaturais”**, a única coisa que faltava para completar o caso. Seria dona Margit uma mulher dada a consultar **madames e cartomantes**? Madame Ninon entrou no caso dizendo que sim, mas não conseguiu muita ajuda. Amigos do casal, em Santa Cruz, e amigas de dona Margit, discordam de Madame Ninon e afirmam que dona Margit era **católica, levava a religião muito a sério e não costumava especular sobre o futuro com cartomantes, videntes ou médiuns**. [...] Dona Margit era **católica**, era uma pessoa recatada e esposa de deputado. **Consultasse uma vidente ou médium e estaria entrando em choque com tudo isso** (D. Margit [...], 1962, p. 8-9, grifo nosso).

O Última Hora também traz, nos trechos que grifamos, expressões que remetem à crença no sobrenatural. Aqui, contudo, o sentido que emerge da reportagem é diferente do proposto pelo Diário de Notícias. Considerando-se o excerto como um todo – como, por exemplo, a presença de aspas em “poderes sobrenaturais” e a argumentação ao final do trecho, que busca desbancar as alegações de Madame Ninon – entendemos que a reportagem trata de forma irônica os elementos da ordem do sobrenatural, fazendo uso de uma estratégia discursiva que Muecke (1995) chama de ironia verbal: uma construção textual na qual o enunciador faz determinada afirmação visando expressar justamente o contrário, com intuito de criticar ou zombar. No contexto do excerto, o tom de zombaria nos parece nítido, ainda que metaforizado por meio da ironia verbal, quando se insinua que Madame Ninon tem uma bola de cristal (um símbolo que não deixa de ser caricato), que “conhece o passado, o presente e o

futuro” e que o surgimento de alguém com “poderes sobrenaturais” em um inquérito policial era a “a única coisa que faltava para completar o caso”.

Por outro lado, ao final do trecho o Última Hora apresenta um elemento que remete à religião, ao afirmar que pessoas católicas, que levam a religião a sério, não consultam videntes ou médiuns. Entendemos que, ao expressar essa doutrina, o jornal remete a uma imagem simbólica de cunho religioso, que relacionamos ao indicador três de nossa metodologia de identificação do imaginário. De certa forma, afirmar que católicos praticantes não apelam a videntes ou médiuns é também um elemento da ordem do imaginário.

Sob a ótica da epistemologia da midiatização, entendemos que a reportagem do Última Hora, ao questionar as afirmações que a cartomante dera ao Diário de Notícias – e, portanto, ao contrapor sentidos propostos pelo próprio Diário de Notícias – é um atravessamento (Soster *et al.*, 2018), um discurso não autorizado pelo primeiro enunciador (o Diário) que incide sobre os sentidos por ele propostos, gerando reconfigurações. Assinale-se que o fenômeno, aqui, não ocorre na seara da internet, mas entre jornais impressos – à época, detentores de certa hegemonia na geração de sentidos naquele determinado escopo social. Acreditamos que tal constatação demonstra que os atravessamentos, ainda que potencializados com o advento da internet, já poderiam ocorrer mesmo antes do desenvolvimento e disseminação dessa tecnologia midiática.

Outro exemplo pertinente do fenômeno é um fonograma – espécie de telegrama existente à época – enviado ao Diário de Notícias pelo próprio Euclides Kliemann, marido de Margit. No texto, posteriormente publicado na íntegra pelo próprio Diário, o deputado se refere à Madame Ninon como “médiun”, questiona a insistência do jornal em publicar matérias sobre ela e ainda sugere quais seriam as verdadeiras intenções da cartomante ao entrar para o Caso Kliemann:

[...] Verifico em edição de hoje a insistência desse jornal sobre a mulher-“médiun”, atribuindo à mesma fornecimento de pista importante à polícia sobre o assassinato de minha esposa. Desminto categoricamente tal noticiário. [...] Estranho realmente que o DIÁRIO DE NOTÍCIAS veicule tais informações dando às mesmas cunho de absoluta segurança, quando tudo mostra que a “médiun” **quer somente publicidade gratuita**. (ass.) Euclides Kliemann (Kliemann [...], 1962, p. 5, grifo nosso).

Ainda que o jornal tenha decidido publicar a íntegra do fonograma de Euclides, entendemos que o excerto pode ser entendido como um atravessamento, no que tem de discurso oriundo de um agente externo (não autorizado) cujo sentido incide diretamente

contra os sentidos oferecidos pelo próprio Diário de Notícias. O novo sentido que se destaca, no atravessamento gerado por Euclides, é o de que Madame Ninon estaria se aproveitando da repercussão do caso em busca de publicidade – demonstraremos a seguir a relevância desta afirmação. Cumpre citar que, em nossa pesquisa, encontramos outras manifestações parecidas de Euclides, uma delas em entrevista concedida ao jornal Folha da Tarde e outra durante um discurso do deputado na tribuna da Assembleia Legislativa (posteriormente reproduzido pelo jornal Última Hora) – mostra de que, embora estejamos falando de um período anterior à internet, havia a possibilidade da interferência de atores não autorizados a partir dos dispositivos midiáticos então disponíveis (o fonograma é um exemplo).

Portanto, entendemos que o excerto do Última Hora e o fonograma de Euclides, acima reproduzidos, no que têm de atravessamentos, agem reconfigurando sentidos no transcurso da circulação, reconfigurando também os sentidos da ordem do imaginário oferecidos pelo Diário de Notícias. Se considerarmos que o escritor Celito de Grandi (2010) – que tratamos, nesse trabalho, como um bioindicador da reconfiguração do imaginário – teve acesso aos jornais da época na pesquisa que originou o livro *Caso Kliemann – A história de uma tragédia*, podemos afirmar que sua interpretação, estabelecida no polo do reconhecimento, possivelmente sofreu influências desses atravessamentos.

Mas não só isso. Considerando-se os apontamentos de Verón (1980, 2005, 2013), entendemos que entre a elaboração dos discursos dos jornais, em 1962, e o ato interpretativo realizado por De Grandi (2010), estabeleceram-se mudanças históricas, sociais, ideológicas e éticas, ou seja, variações entre GP e GR. Tais variações, conforme expomos acima, são potencialmente geradoras de reconfigurações de sentidos – inclusive, de sentidos da ordem do imaginário. O excerto abaixo, retirado do livro de De Grandi (2010), parece dar pistas neste sentido:

[...] Aparece nova personagem, a cartomante Alda Marina Lopes Saraiva, ou Madame Ninon. [...] Margit Kliemann a teria consultado no dia anterior à morte, revelando-se “... amedrontada em face de um grave problema que a afligia e tinha medo de ser assassinada.” **Mas, tal como surgiu, Madame Ninon desapareceu** [...]. Os próprios jornais, mais adiante, admitem que ela havia alcançado o que almejava: **publicidade** (De Grandi, 2010, p. 112, grifo nosso).

Chamou-nos atenção, na última palavra do excerto (grifada), a presença de um sentido específico que coincide com a afirmação de Euclides em seu fonograma: Madame Ninon queria tão somente publicidade. Parece-nos um indício da influência dos atravessamentos propostos

por Euclides não só sobre os jornais da época, mas também sobre De Grandi (2010), que em nosso recorte situa-se no polo do reconhecimento e realiza sua interpretação sob influência, também, de agentes não autorizados.

Além disso, a interpretação de De Grandi (2010), tendo ocorrido em momento histórico situado cerca de 60 anos depois da publicação dos jornais da época do crime, sofreu também influências das variações entre GP e GR que se estabeleceram nesse período temporal. A título de exemplo, cumpre citar que o autor, por ocasião de suas interpretações, já sabia que o aparecimento de Madame Ninon em nada contribuiria para a elucidação do assassinato de Margit Kliemann – um dado ainda desconhecido aos jornalistas da época. Ou seja, De Grandi (2010) já contava com insumos, em termos de informação, indisponíveis para os jornalistas que deram corpo às afirmações da cartomante – caso dos repórteres do Diário de Notícias.

Também inferimos que as gramáticas de produção do jornalismo passaram por atualizações no período. Nesse quesito, podemos inferir que as GP do jornalismo contemporâneo adotam regramentos (semânticos, linguísticos, pragmáticos e éticos, entre outros) diferentes das GP adotadas pelos repórteres dos anos 1960, e que as GP atuais, convertidas em GR no ato interpretativo realizado por De Grandi (2010), guiaram sua releitura dos jornais da época. Nesse viés, observamos que a releitura do autor nos parece mais cética em relação aos poderes sobrenaturais atribuídos a Madame Ninon pelos jornalistas do Diário de Notícias – reflexo de novas gramáticas, mais calcadas na concretude do mundo em detrimento de um imaginário da ordem do mito.

5 Considerações finais

Acreditamos que a metodologia empregada na pesquisa, que começa na identificação de determinados sentidos do imaginário nas narrativas jornalísticas sob análise e culmina na comparação entre esses sentidos conforme os diferentes momentos históricos em que foram materializados em dispositivos de mídia, proporcionou observar de forma empírica os fenômenos descritos por Verón (1980, 2005, 2013) em suas abordagens sobre a reconfiguração do sentido quando materializado – em nosso caso, com o olhar voltado ao imaginário. Também possibilitou observar a influência de outros fenômenos apontados pela epistemologia da midiatização, caso dos atravessamentos citados por Soster *et al.* (2018). Em termos de avanços epistemológicos, acreditamos que um ponto significativo do estudo foi a constatação de que o imaginário, ainda que seja uma classe tão peculiar e subjetiva de sentidos, não está imune às reconfigurações que se processam a partir do fenômeno midiático.

Mostra disso pode ser obtida a partir do recorte que trouxemos para esse artigo – ou seja, o imaginário em torno de Madame Ninon. Conforme buscamos demonstrar, enquanto o jornal Diário de Notícias apresenta, a seu turno, Madame Ninon com uma pessoa recoberta por uma aura sobrenatural (médium, astróloga e cartomante), gerando um imaginário mítico em torno desta personagem, De Grandi (2010), em sua releitura, a apresenta como uma fraude: uma pessoa comum, mas desonesta, com interesses escusos: angariar publicidade às custas de um crime – um perfil que, no quem tem de condenável sob a ótica dos valores sociais vigentes, também dá margem a significações da ordem do imaginário: ao apresentar tal perfil, De Grandi (2010) não deixa de oferecer um excedente de significação em relação à cartomante.

Entendemos que essa reconfiguração de sentidos ocorreu por conta de pelo menos dois fenômenos estudados pela epistemologia da midiaticização que se estabelecem no âmbito da circulação – ou seja, entre a materialização dos sentidos (que gera o fenômeno midiático) e o reconhecimento realizado pelo agente interpretante. Um deles é a influência dos atravessamentos oferecidos por agentes não autorizados – no caso estudado, o jornal Última Hora e o próprio Euclides Kliemann, viúvo da vítima – que geram sentidos que se contrapõem ao sentido inicialmente proposto pelo Diário de Notícias. O outro é a variação entre GP e GR que, conforme Verón (1980, 2005, 2013), se estabelece no transcurso de mudanças históricas, sociais e geográficas.

Cumpramos citar que, na pesquisa que deu origem a este artigo, observamos, na releitura de De Grandi (2010), que determinados sentidos da ordem do imaginário permaneceram estáveis no transcurso do tempo – caso da comoção gerada pelo assassinato de Margit, por conta da brutalidade do crime e do status social da vítima. Mostra de que, nesse viés, certas gramáticas também permaneceram estáveis. Equivale a dizer que o brutal assassinato de uma mulher da alta classe social ainda é encarado, mediante as GR atuais, como um fato comovente e repulsivo.

Isso sugere que o imaginário – e aqui podemos abrir o leque a outras classes de sentidos – pode apresentar tanto reconfigurações quanto estabilidade, conforme as transformações (ou não transformações) pelas quais passam as gramáticas, ou seja, os valores sociais, culturais ou ideológicos que permeiam a vida em sociedade. E que tais variações ou estabilidades podem ser observadas a partir dos registros materializados deixados por diferentes sociedades. No cômputo final, essas inferências apontam, ainda, para as complexidades que desafiam as pesquisas voltadas ao imaginário e à midiaticização, complexidades essas que sinalizam para a

pertinência, aqui proposta, de se trabalhar em uma perspectiva de imbricação entre essas e outras epistemologias voltadas ao sentido.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARROS, Ana Taís Martins. Portanova; CONTRERA, Malena. Estudos do imaginário: a iniciação como método. In: BARROS, Ana Taís Martins. Portanova *et al.* (org.). **Imag(em)inário: imagens e imaginário na Comunicação**. Porto Alegre: Imaginalis, 2018. p. 22-36.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2000.

CONFIDÊNCIA de dona Margit à médium, na véspera do crime, é a chave do mistério. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 5, 11 jul. 1962.

CONFIRMADA a presença de D. Margit na casa da “médium” Alda Marina. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 5, 12 jul. 1962.

D. MARGIT não ia a cartomantes. **Última Hora**, Porto Alegre, p. 8-9, 11 jul. 1962.

DE GRANDI, Celito. **Diário de Notícias: o romance de um jornal**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DE GRANDI, Celito. **Caso Kliemann: a história de uma tragédia**. Porto Alegre: Literaris/Edunisc, 2010.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DÜREN, Ricardo Luis. **O caso Kliemann e a midiatização do imaginário**. 2021. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/3346>. Acesso em: 18 jun 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma - Midiatização, Cultura, Narrativas**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004>. Acesso em: 18 jun 2019.

JUNG, Carl G. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl G. (org.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 19-103.

KLIEMANN desmente categoricamente a “médium” Alda Marina. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 5, 24 jul. 1962.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

“MÉDIUM” esotérica, a quem d. Margit consultava com frequência, depôs na polícia. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 5, 10 jul. 1962.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Compós**, Brasília, n. 1, p. 1-26, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.8>. Acesso em: 29 jan. 2012.

MUECKE, Douglas Colin. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994. v. 1.

SILVA, Juremir Machado. **Diferença e descobrimento**: o que é imaginário? (A hipótese do excedente de significação). Porto Alegre: Sulina, 2017.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo *et al.* Os circuitos múltiplos e as zonas intermediárias de circulação. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 2018, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Unisinos/Casa Leiria, 2018.

VERÓN, Eliseo. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2005.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2**: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

The fortune teller lost her powers: an analysis of the reconfiguration of the imaginary from the perspective of mediatization

Abstract

In this article we highlight part of the research carried out in our doctoral thesis, where we analyze the reconfiguration of meanings of the order of the imaginary from the perspective of mediatization. Regarding the imaginary, in this specific section we focus on the mythical imaginary, that is, on meanings of the magical and supernatural order that, insofar as they are imaginary, overflow beyond the concreteness of the empirical world. Based on the epistemology of mediatization, we understand that even

these meanings are at the mercy of reconfigurations when materialized in media devices – in the case under analysis, printed newspapers. In other words, due to processes that are established over time and social and cultural changes, and also due to the interference of other enunciating agents, the materialized meanings are reconfigured in the interpretative act, deviating from what was originally proposed by the author. Here, we will focus on the reconfiguration of the imaginary around a fortune teller, presented as a witness in the investigations into the so-called Kliemann Case, a true crime episode widely publicized by the press in the 1960s in Rio Grande do Sul. We understand that the analysis of journalistic narratives from the time of the events, in comparison with a more recent journalistic narrative of the same events, makes it possible to observe how meanings materialized in newspapers from the 1960s underwent reconfigurations over time.

Keywords

imaginary; mediatization; sense; reconfiguration; journalism

Autoria para correspondência

Ricardo Luís Düren
ricardoduren@mx2.unisc.br

Como citar

DÜREN, Ricardo Luís. A cartomante perdeu seus poderes: uma análise da reconfiguração do imaginário sob a ótica da midiaticização. **Intexto**, Porto Alegre, n. 57, e-141212, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.57.141212>

Recebido: 10/07/2024

Aceito: 16/10/2024



Copyright (c) 2025 Ricardo Luís Düren. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.